

## **TRABALHO DE CAMPO: EM BUSCA DE UM NOVO CAMINHO PARA EDUCAÇÃO.**

Temática: Educação geográfica / Ensino de Geografia

Autor: Vinicius Cavalcanti Ferreira

Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Espaço e Vida Viagens Culturais

E-mail: geovincius.ferreira@gmail.com / [geografia@espacoevida.com.br](mailto:geografia@espacoevida.com.br)

Co-autor: Carlos Henrique Torres do Carmo

Instituição: Espaço e Vida

E-mail: carlos@espacoevida.com.br

### **RESUMO**

O presente artigo, baseado na pesquisa “Trabalho de Campo: em busca de um novo caminho para educação”, - apresentada como trabalho de conclusão de curso em licenciatura de Geografia - aborda a temática do ensino em Geografia e da educação brasileira em uma perspectiva de se pensar novos métodos, caminhos e/ou ferramentas de ensino que visem romper com o paradigma do modelo de educação bancária aplicado nas escolas tradicionais.

Com a proposta de desenvolver práticas de ensino diferenciadas, este artigo trata da questão do trabalho de campo e da aula de campo como ferramentas de grande relevância dentro do processo de ensino/aprendizagem, já que possibilita um maior contato do aluno, a partir do uso de seus aparelhos sensoriais, com os objetos de estudo para além da sala de aula e dos limites da escola.

Ao longo da pesquisa foram utilizados tanto o método empírico de análise, quanto o entrevista de caráter qualitativo com um total de vinte profissionais do setor educacional.

A análise empírica sobre a prática de ensino de geografia ocorreu, nos últimos quatro anos, a partir da minha vivência na sala de aula e em atividades de campo, acompanhando a agência de viagens de turismo pedagógico Espaço e Vida, em inúmeros trabalhos de campos com as mais diversas instituições de ensino da Cidade do Rio de Janeiro.

As entrevistas de caráter qualitativo objetivavam entender de que forma os trabalhos de campo são compreendidos pelos profissionais da educação e como eles são ou não utilizados como ferramenta do processo de ensino/aprendizagem.

No decorrer dessa pesquisa foi possível perceber alguns elementos importantes no que tange a educação em âmbito geral, como também identificar algumas questões que valem de grande reflexão sobre as práticas de ensino em Geografia. Sendo assim, foi exequível concluir, que ao longo da análise das entrevistas, de modo geral, os professores e os demais profissionais da educação enxergam ganhos efetivos nesta prática.

A maioria destes profissionais comunga com a ideia de que a saída dos estudantes do espaço físico da sala de aula, levando-os, a um contato de forma concreta, a partir do uso das capacidades sensoriais com o espaço geográfico, por si só trazem ganhos para estes discentes, complementando as limitações físicas que a escola possui.

**Palavras-Chave:** Ensino em Geografia; Educação Geográfica; Trabalho de Campo; Saídas de Campo.

## 1- Crise da educação e possíveis alternativas

A educação no Brasil encontra-se em quadro de crise, sendo possível perceber alguns elementos que comprovam este cenário. O setor educacional vem apresentando baixos índices de aproveitamento escolar, altos índices de evasão, dentre outros problemas notáveis que são recorrentemente divulgados pelos meios de comunicação de massa e, muitas outras problemáticas que são sentidas pelas distintas comunidades escolares.

São vários os fatores que podem explicar os motivos dessa crise, como as condições precárias de trabalho nas escolas, a proletarização do professor, o modelo de uma educação Bancária<sup>1</sup> e diversas políticas públicas, muitas vezes inadequadas e marcadas pela má gestão dos recursos.

Patrícia Mechi, professora de História Contemporânea da Universidade Federal do Tocantins, traz para essa discussão a ideia de que grande parte do sucateamento da educação e da estrutura de ensino, principalmente no setor público, está intrinsecamente associada ao período de Ditadura Militar no Brasil, momento de nossa história em que uma das classes minoritária enriquecia e tinha acesso às Universidades, enquanto a grande massa era alienada, “pois o regime necessitava, tanto de técnicos altamente qualificados quanto de mão-de-obra desqualificada. Mão-de-obra desqualificada e dócil.” (MECHI, 2006: não paginado).

Para além destas questões, qualquer proposta de ensino inovadora, que discutisse um pouco mais a fundo as questões sociais e políticas do país, “era logo taxada de ‘subversiva’ ou ‘comunista’, e seu autor era banido dos meios acadêmicos.” (MECHI: 2006, não paginado).

A degradação do ensino público, anteriormente relatada, gerou impactos importantes em todo o sistema educacional. A escola pública, que se apresentava como espaço privilegiado na produção de novas práticas de ensino e referência pedagógica, perde seu espaço para a escola privada.

Neste cenário, a educação como mercadoria se torna hegemônico e as práticas de uma pedagogia tradicional, calcada no Cartesianismo, sofrem menor pressão para se transformar e se mantém como referência.

Neste modelo, as aulas ocorrem na grande maioria das vezes na sala de aula, e mesmo com todo desenvolvimento tecnológico, esse espaço, por si só, ainda se apresenta de forma um tanto arcaica, com baixos processos cognitivos, monótono, entediante para o aluno e muitas vezes para o próprio professor.

As aulas em grande parte das escolas estão sustentadas em um viés reducionista, apoiado em um ponto de vista onde o todo - no sentido de totalidade - é dividido em partes que serão estudadas em separado<sup>2</sup> nas salas de aula. Nele o professor, senhor de sua cátedra, trata das temáticas próprias de sua disciplina de forma isolada e aparentemente distante de todas as outras.

Corroborando com esta ideia o pesquisador Edgar Morin sustenta que “estamos ofuscados pela noção reducionista de partes isoladas e separadas do todo. Com efeito, a

---

<sup>1</sup> O modelo de educação Bancária, problematizado por Freire (1983), dentro da perspectiva de um modelo de ensino onde o professor é o detentor do conhecimento e deposita este em seus alunos.

<sup>2</sup> Isso é uma herança do próprio paradigma da modernidade, aqui representado por uma divisão do trabalho científico. Do ponto de vista, da ciência e da educação em particular, o positivismo teve com uma de suas exigências essa crescente especialização cuja consequência mais direta é um saber fragmentado, decorrente da divisão extrema do trabalho científico.

mente da nossa cultura está condicionada a pensar assim.” (2005 apud. MARIOTTI; MORIN, 1977).

Entretanto, uma discussão que vem permeando algumas escolas, e se encontra no Padrões Curriculares Nacionais é a necessidade de se desenvolverem modelos de ensino que perpassem por diversas áreas do conhecimento, caminhando em processos interdisciplinares, galgando alcançar uma transdisciplinaridade.

A educação contemporânea tem buscado superar essa distorção, restabelecendo os elos que unem os diversos saberes. Mesmo no ensino superior, ainda que não se recuse a necessária formação de especialistas, já existem experiências na criação de centros transdisciplinares encarregados de discutir a interação e a integração dos saberes, numa abordagem holística.(PCN/ EM 1998)

Seguindo esta linha de pensamento, faz-se de suma importância uma reflexão em busca do desenvolvimento e aplicação de outras práticas pedagógicas e, dessa forma, reavaliar o uso da sala de aula, possibilitando a introdução de novas opções e espaços para o desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem no cotidiano escolar.

Neste sentido, em função da ausência, dentro da realidade do ambiente escolar, de uma maior integração do aluno com a sociedade e, mais ainda, uma maior integração do aluno com o mundo em que vive, pensar a inserção do trabalho de campo como ferramenta a ser acrescida à metodologia de ensino nos parece importante. Desta forma, o trabalho de campo possibilita aos estudantes maior inserção ao /no mundo, colocando-os em contato com realidades distintas das quais eles se encontram cotidianamente.

Sair a campo é dar a oportunidade ao aluno de perceber o mundo com outros olhos, resultando num momento de diálogo entre o olhar empírico; olhar teórico e o olhar crítico dentro de um processo que “envolve experimentações, sistematização de experiências, comparações, abstrações, transformações das práticas, ou seja, um conjunto de saberes sociais/espaciais.”(COUTO,2009).

Por este meio, as atividades de campo, permitem estender este conjunto de saberes sócio/espaciais para além dos muros da escola, para além das paredes das salas de aula, do *datashow* ou quadro negro. Elas possibilitam aos estudantes aprenderem tocando e vivenciando um mundo de forma mais concreto e real, mobilizando seus sentidos.

Somos indivíduos que possuímos capacidades sensoriais para perceber o mundo ao nosso redor, e é trabalhando essas capacidades perceptivas que o trabalho de campo poderá ser um elemento de relevância dentro do processo cognitivo, podendo estimular junto com a reflexão das questões sociais - mediadas pelo professor - ajudando o aluno na formulação de conhecimentos que sejam fruto do concreto pensado<sup>3</sup>, ou seja, fruto das suas sensações pensadas.

## **2- O trabalho de campo atendendo as especificidades dos Parâmetros Curriculares Nacionais em Geografia.**

---

<sup>3</sup> No método da reflexão dialética marxista, tanto concreto quanto abstrato compõe elementos do pensamento, entretanto, o concreto é o que de fato existe. Porém, o que realmente existe não deve estar confuso com aquilo que é percebido pelas capacidades sensoriais e seus órgãos de sensibilidade. Sendo assim, o concreto pensado é o real com atribuições de significado, ou seja, ele é fruto do nosso pensamento, e capacidade de abstração. Desta maneira, a abstração se torna uma mediação do nosso pensamento para passar o que nossos sentidos geram, do concreto empírico, para o concreto pensado.

A Geografia como disciplina escolar já passou pelo “estudo descritivo das paisagens naturais e humanizadas, de forma dissociada do espaço vivido pela sociedade e das relações contraditórias de produção e organização do espaço” (PCN, 1998), passando pela fase da Geografia Crítica Marxista que tem como principal proposta romper com o simples empirismo e descrição do mundo fragmentado do espaço geográfico, no sentido do espaço vivido pela sociedade.

Os geógrafos marxistas trouxeram como propostas de currículo a discursão de ideias “centradas em questões referentes a explicações econômicas e a relações de trabalho que se mostraram, no geral, inadequadas para os alunos dessa etapa da escolaridade” (PCN, 1998) e atualmente o desafio da Geografia está diretamente relacionado à “definição de abordagens que considerem as dimensões subjetivas e, portanto, singulares que os homens em sociedade estabelecem com a natureza” (PCN, 1998). Estas dimensões são socialmente elaboradas e são “fruto das experiências individuais marcadas pela cultura na qual se encontram inseridas — e resultam em diferentes percepções do espaço geográfico e sua construção.” (PCN,1998).

Se o foco da Geografia, enquanto disciplina escolar, está associado às dimensões subjetivas, singulares que os homens em sociedade estabelecem com o natural, e que essas dimensões são frutos da experiência, é possível questionarmos se o trabalho feito exclusivamente em sala de aula é suficiente para elucidar todos os questionamentos sobre o temário Geográfico.

Uma vez que a Geografia e as novas frentes educativas, pretendem construir o conhecimento com alunos, de forma interdisciplinar ou até transdisciplinar, de maneira que possam transformar a sociedade a partir da formação de cidadão críticos, pesquisadores, é necessário se desenvolver e aplicar “métodos de aprendizado compatíveis, que constituam condições efetivas para que os alunos possam comunicar-se e argumentar, deparar-se com problemas, compreendê-los e enfrentá-los...” (PCN/EM,1998).

Sendo a Geografia uma ciência que tem como seu principal objeto, o espaço geográfico e suas variações, pensar e discutir formas de ensino que possam levar os alunos a terem contato com maior proximidade, utilizando suas capacidades sensoriais, dos conteúdos abordados na escola, tende a apresentar maior significado no processo de ensino/aprendizagem. Logo, falar sobre o espaço é diferente de ver e se relacionar com ele. Segundo Serpa (2006), o trabalho de campo em Geografia, é capaz de revelar as diversas possibilidades de recortar, analisar e conceituar o espaço. Deste modo o contato direto com um objeto, produz experiências e compreensões diferentes para estes alunos. Ainda nesta temática, o PCN, designado para o terceiro e quarto ciclo do fundamental, também pontua tal importância.

Saídas com os alunos em excursões ou passeios didáticos são fundamentais para ensiná-los a observar a paisagem. A observação permite explicações sem necessidade de longos discursos. Além disso, estar diante do objeto de estudo é muito mais cativante e prazeroso no processo de aprendizagem. (PCN, 1998)

### **3 – Sugerindo categorias**

No presente artigo, sugerimos que Trabalho de Campo, dentro da realidade do ensino básico, seja considerado como atividade pedagógica que se propõe, no espaço fora da sala de aula, promover análise do objeto de estudo *in loco*. Contudo, podemos subdividir esta categoria, de acordo com a atividade que se pretende desenvolver nesse estudo em duas: Pesquisa de Campo e Aula de Campo.

Pesquisa de Campo: Neste tipo de análise o professor constrói com o estudante o processo de iniciação a pesquisa. O estudante precisa por *a mão na massa*, executar experiências para levantar dados e informações a partir de sua percepção sobre o objeto que está sendo analisado. Também deverá aplicar método científico, levantar hipóteses, quando for o caso, e deve elaborar um relatório de campo para demonstrar sua compreensão e possíveis conclusões.

Dependendo do objeto o aluno deve também recolher amostras para análise futura, em laboratório ou em sala de aula no caso da ausência de infraestrutura laboratorial em complexo escolar.

Aula de Campo: Esta análise é a transposição da sala de aula para um espaço onde o aluno esteja em contato com o objeto de estudo. Nesse momento o professor irá ministrar aula, explicar o conteúdo frente à utilização, percepção e manuseio do objeto.

É necessário haver muito cuidado, pois a aula de campo não pode ser a reprodução do modelo sala de aula da escola tradicional. O Geógrafo Yves Lacoste discute a postura do professor no campo e discorda da simples exposição do conteúdo quando alega que *“os professores, nas diferentes paradas que previram no percurso, fazem um discurso diante dos estudantes passivos.”* (LACOSTE, 1985). A Passividade não é o tipo de postura que o aluno deve ter no campo, muito pelo contrário, o campo e o momento do ativo, do contato, a partir dos sentidos.

#### **4- Em busca das interações do/no mundo através do trabalho de campo.**

Entender o trabalho de campo com uma das formas de se produzir conhecimento geográfico, é importante para compreender a sua significância dentro do processo de ensino/aprendizagem. O reconhecimento deste como uma parte do método da Geografia, se faz fundamental, porém, cada vez mais, na formação do professor, o trabalho de campo se encontra em segundo plano. Negando a este docente a oportunidade de se debruçar sobre esta metodologia de pesquisa e, ainda mais, utiliza-la como viabilizador do processo de ensino/aprendizagem, desenvolvendo assim uma metodologia de ensino.

Todo indivíduo possui alguma experiência de vida. Todo aluno possui certa vivência, mas cotidianamente eles se encontram inseridos dentro de sua prática social, vivendo e experimentando apenas o seu próprio meio sócioespacial, ou aquele que lhe é apresentado pelos meios de comunicação em massa, que são insuficientes por serem superficiais e simplificadores da realidade.

Entretanto, existem barreiras físicas e pedagógicas na escola, barreiras estas que geram certas dificuldades para o estudante entender algumas questões políticas, econômicas, sociais, culturais, geofísicas, etc. Estas dificuldades se agravam ainda mais com a não aproximação das aulas com as realidades desses estudantes. Discutindo esta questão “Dermeval Saviani (1984) propõe uma pedagogia histórico-crítica em que o ponto de partida e de chegada seja a prática social.” (COUTO, 2010)

Dentro de um panorama onde os processos de ensino/aprendizagem estejam mergulhados em atividades que estimulem os alunos sensorialmente, levando-os a refletir sobre sua prática social e ampliar esta prática e os espaços de vivência, torna indispensável à ida aos espaços de estudo, sendo preciso ver de perto, viver/ver as interações humanas com a natureza e a sociedade, pois a experiência sensorial aflora a capacidade cognitiva. Internalizamos com maior facilidade algo que tenha ocorrido conosco no decorrer de nossas vidas, associado às nossas vivências.

Levar os estudantes à um mundo fora da sala de aula gerará um universo de recursos e informações que tornará o processo de ensino/aprendizagem muito mais rico, para assim verdadeiramente conseguirmos cumprir com o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para formação desse aluno, potencializando o papel social da escola.

Constantemente os professores se põem em desafio de trazer o mundo para sala de aula por meio de slides, imagens, livros didáticos, porém estes elementos didáticos dentro de uma perspectiva reducionista retratam apenas uma pequena parte do todo, eles são apenas uma representação da realidade, recortes que não formam o todo.

Verdadeiramente, o desafio é levar a sala de aula para o mundo pois o trabalho de campo possibilita experiências de outra ordem no processo cognitivo de aprendizado. Segundo Novelli, “a sala de aula pode ser deslocada para lugares os mais diversos possíveis, pois sua atividade essencial extrapola limites físicos.”(NOVELLI, 1997, p.44)

Levar a aula para o campo é contar com inúmeras possibilidades de comunicação, dentro das múltiplas relações e interações professor-aluno, aluno-aluno e suas respectivas trocas com o meio físico, social, cultural. O campo provocará muito mais subjetividades, que podem e precisam ser mediadas para o enriquecimento do ensino-aprendizagem de todos os indivíduos envolvidos nesse processo, tanto alunos quanto professores.

Os trabalhos de campo podem despertar diferentes olhares, e diferentes reações, e levar a reflexões plurais, a singulares formas de percepção que são abordadas por Livia Oliveira & Lucy Machado baseadas em Piaget.

[...] uma explicação cognitiva, e assim a percepção é encarada como parte integrante da vida cognitiva do sujeito, sendo uma atividade, um processo. Por conseguinte a percepção é o conhecimento que adquirimos através do contato atual, direto e imediato com os objetos e com os seus movimentos, dentro do campo sensorial. (OLIVEIRA; MACHADO 2004, pág.131)

Ao discutir o trabalho de campo, é preciso perceber a importância das capacidades sensoriais nesta atividade e mais do que isso, é preciso perceber a importância que estes sentidos vão exercer sobre o aluno dentro do seu processo cognitivo de aprendizagem. É mobilizando os sentidos, conjunta e interativamente (e não apenas a visão e audição) que a atividade de ensino pode apontar para a aprendizagem significativa.

Para o desenvolvimento do trabalho de campo com características que estimulem as capacidades sensoriais, e possibilitem melhorar os estímulos da cognição, faz-se necessário um planejamento prévio desta atividade, pois “instigando-se os alunos a problematizar o que vão ver (...)”, ajudando a organizarem suas ideias para levantarem questões e/ou hipóteses, “podem representar uma importante contribuição para o processo de formação destes como pesquisadores.” (ALENTEJANO; ROCHA-LEÃO, 2006).

O momento do planejamento deve ser aquele em que os professores das diferentes disciplinas pensam quais locais são adequados para visitar e vivenciar, e quais caminhos devem ser percorridos, visto que, a saída de campo em uma perspectiva de educação sem muros, busca o desenvolvimento e a consolidação habilidades conceituais, atitudinais, procedimentais e valorativos, fundamentais na compreensão da relação indivíduo – sociedade – natureza (LACHE; PIZZINATO; ARDILLA, 2011).

Sobre a importância da prática de campo e de seu planejamento, Valéria di Marco desenvolve alguns apontamentos que completam algumas ideias.

Penso que a maior parte dos geógrafos concorde com o fato de que a ida a campo seja um instrumento didático e de pesquisa de fundamental importância para o ensino e pesquisa da/na Geografia. Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que teoria se torna realidade, se ‘materializa’ diante dos olhos estarecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa ‘excursão recreativa’ sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento (DI MARCOS, 2006, p 106).

Entretanto, para propor espaços para elaborar uma ida a campo, os professores precisam ter conhecimento do local onde será a visita. Ainda é necessário haver um planejamento de conteúdos que se adequem ao local escolhido. Não será tão eficaz se o professor levar os alunos para dentro de uma “Mata” sem ele ter planejado previamente com os outros professores, quais temas podem ser vistos, abordados e pesquisados dentro daquela “Mata”. Contudo, as questões a serem contempladas não devem estar engessadas no planejamento do professor. Elas precisam estar abertas aos questionamentos e percepções dos alunos, posto que, se o trabalho de campo busca estimular o olhar do aluno, este não deve ser cerceado.

Cabe aos professores e aos alunos levantarem elementos, ideias e objetos relacionados ao assunto do trabalho de campo, alicerçando tais questões em formulações teóricas, neste sentido, o Geógrafo Yves Lacoste defende que “O trabalho de campo para não ser somente um empirismo, deve articular-se a formação teórica que é, ela também, indispensável.” (LACOSTE, 1985).

## 5- A perspectiva dos educadores sobre o trabalho de campo.

A pesquisa foi feita a partir da entrevista por meio de questionários que foram respondidos por diferentes membros do corpo de profissionais e futuros profissionais do setor educacional, buscando obter olhares mais diversificados abrangendo os diferentes atores deste setor.

Com foco qualitativo o questionário contou com questões discursivas, presando assim a opinião desses profissionais no que tange a questão do trabalho de campo como elemento de grande importância e relevância no processo de formação do aluno.

Tabela 1 - Dados dos entrevistados

Entrevistado:	Formação:	Instituição de ensino que se formou:
E1	Graduação Plena História	UERJ
E2	Geografia Licenciatura/Bacharel	UERJ/FFP
E3	Licenciatura em Ciências Biológicas, (UFRJ). Especialização em Ensino de Ciências (IFRJ), Mestrado em História da Ciência (HCTE)	UFRJ

E4	Licenciatura em Geografia	FEBF – UERJ
E5	Licenciado em ciências biológicas, doutor em biologia marinha	Graduação UFRJ; pós UFF
E6	Geografia	UERJ
E7	Licenciatura Plena Em Geografia	UERJ
E8	Pedagogia	Estácio de Sá
E9	Graduação: Física – Mestrado: Ensino de Ciências (área Física)	UERJ
E10	Licenciatura plena em Geografia	UERJ
E11	Biólogo/ Licenciatura em Biologia	UFRJ/ Cândido Mendes
E12	Biólogo	UFRJ
E13	História	UFF
E14	História	UFRJ
E15	Geografia	FFP/UERJ
E16	Bacharelado e Licenciatura em História	UFF (em andamento)
E17	Licenciatura em Geografia. Mestrado em Geologia e Geofísica Marinha e Doutorando em Dinâmica dos Oceanos e da Terra.	Graduação: UERJ-FFP. Mestrado: UFF. Doutorado: UFF/Duke University
E18	História	UFF (Graduação e Mestrado) FIOCRUZ (Doutoranda)
E19	Bacharelado e Licenciatura em História	UFRJ
E20	Geografia	UERJ

Foram entrevistados um total de vinte profissionais e futuros profissionais de diferentes áreas relacionadas à educação, divididos da seguinte forma; seis profissionais de História, oito de Geografia, quatro de Biologia, um de Física e um de Pedagogia. Em sua maioria tiveram sua formação em universidades públicas, exceto dois dos entrevistados que se formaram em universidades do setor privado, sendo eles o E8 formado pela Universidade Estácio de Sá e o E11 que teve sua licenciatura feita na Universidade Gama Filho.

#### 5.1 - Você já ouviu falar sobre trabalho de campo?

A maioria respondeu positivamente sobre o conhecimento da existência de trabalhos de campo, tal dado mostra que essa ferramenta não é algo desconhecido por docentes. A partir da resposta do E12, podemos perceber que o trabalho de campo pode também ser uma opção de emprego para profissionais da educação.

Alguns apontam, inclusive, o papel de sua formação na capacidade de influenciar sua prática, ou seja, sugere que realiza trabalho de campo, acentuando seu papel na própria aprendizagem, quando lamenta a redução da carga horária destinada aos estudos sobre trabalho de campo.



## 5.2 - O que é um trabalho de campo?

Todas as respostas estão relacionadas de fato a práticas de Campo com positividade. No caso das respostas dos profissionais E11, E18, e E20, foi possível interpretar uma visão de trabalho de campo muito próxima ao que foi definido como aula de campo neste artigo. Quanto à resposta do E9, é possível perceber uma visão bastante técnica da execução do trabalho de campo, momento de coleta para análise laboratorial, ou de investigação de algum fenômeno.

O E16 apresenta a grande importância que o trabalho de campo apresenta na formação do aluno, e tece crítica interessante, quando alega que algumas escolas fazem trabalho de campo como “perfumaria”, e não pensam pedagogicamente a importância da atividade de campo. Segue a resposta dada pelo entrevistado, na íntegra:

Trabalho executado fora do ambiente escolar, aonde dá a possibilidade do aluno ter contato direto com seu objeto de estudo. Com as experiências adquiridas em quase três anos trabalhando com o campo, percebo uma sensível diferença entre alunos que fazem esse tipo de atividade fora da sala de aula. Não considero o campo como apenas uma —perfumaria— como muitos dizem. Trabalhado da maneira correta e com objetivo pedagógico bem definido os resultados aparecem. Deveria ser utilizado como regra nas escolas e não como marketing para atrair atenção de pais.

A saída de campo “perfumaria” é o “passeio escolar”, os quais ocorrem somente para tirar os alunos da sala de aula e dar aulas para os alunos em um espaço diferente, muitas vezes sem pensar em formas de fazer com que o aluno de fato tenha contato com o objeto, a partir de seus meios sensoriais.

## 5.3 - Na (s) escola (s) em que trabalho você já fez ou fará algum trabalho de campo?

Ao perguntar “Na (s) escola (s) em que trabalha você já fez ou fará algum trabalho de campo?” ocorreram respostas interessantes. Dentro dos vinte entrevistados, onze profissionais já executaram trabalhos de campo, quatro ainda não o fizeram, porém, destes quatro, três pretendem fazer. Os quatro profissionais que restaram para contabilizar o total se encaixam dentro do grupo dos que nunca trabalharam com escolas ou não responderam a questão.

Dentre as respostas, vale ressaltar algumas que evidenciaram questões que foram discutidas e levantadas ao longo desta monografia.

O professor E2 mostra que, mesmo com dificuldades, é possível executar um trabalho de campo. Ele faz campos bimestrais utilizando a rede de transportes pública da cidade de Niterói.

Um professor que se expõe ao risco de tirar seus alunos da escola sobre sua responsabilidade é sinal de que este reconhece que o campo será importante na formação de seus estudantes, que este é muito mais do que auxiliar e que será, na verdade, algo fundamental dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Ainda nesse contexto, o professor E17 reforça que os trabalhos de campo é uma ferramenta fundamental da Geografia na universidade, e sendo importante e reconhecida no segmento de ensino superior, por que os órgãos públicos da educação, as escolas e os professores não buscam dar acesso aos alunos do Ensino Fundamental e Médio a esta ferramenta valiosa?

O E4 trouxe em sua percepção do quanto é importante que um trabalho de campo esteja pedagogicamente bem estruturado para que os alunos tenham a possibilidade de alcançar plenamente os objetivos de uma saída de campo. Sendo assim, é necessário haver o planejamento, e também um pré-campo no intuito de os alunos não ficarem perdidos durante atividade.

5.4 – Na(s) escola(s) onde você trabalha existem dificuldades para pôr em prática o trabalho de campo? Justifique.

Os principais motivos para as dificuldades de serem executados trabalhos de campo, segundo os entrevistados, de maneira geral, estão ligados à falta de recursos financeiros, principalmente nas instituições públicas, ponto este defendido por vários dos profissionais.

Outro ponto muito comentado está ligado à falta de tempo, ao grande número de conteúdos, ao apertado calendário escolar. Porém é importante lembrar que o trabalho de campo tem que estar dentro do Projeto Político Pedagógico das escolas, e assim consequentemente é necessário haver espaço no calendário escolar para estas atividades assim como há para outras.

A resposta do E5 gerou-me certo desconforto, pois o entrevistado alegou ter quatro turmas de terceiro ano do ensino médio, e que para executar o trabalho com estes alunos ele precisaria de quatro dias, o que levaria aos alunos a terem menos quatro dias de aula. Porém não podemos esquecer que o trabalho de campo é tão importante quanto uma aula em sala, e dependendo da forma como a aula é ministrada e dos recursos didático usados, o trabalho de campo pode ser mais relevante.

Além dos pontos já citados acima, ainda foram comentados como empecilhos, o desprezo da comunidade escolar a esta atividade, devido questões comportamentais do alunado, o peso da responsabilidade de tirar os alunos da escola, burocracias internas, falta de vontade própria da administração das escolas em contribuir para a realização do trabalho. Mas o E20 trouxe uma abordagem interessante para estas questões, ele alega que parte da dificuldade, está ligada a falta de vontade dos professores em fazer acontecer, em “pegar o boi pelo chifre” e fazer as coisas andarem.

Não queremos ser simplistas em colocar a culpa da não execução dos trabalhos de campo e de outras práticas pedagógicas inovadoras no professor. Sabemos que existem inúmeros outros elementos conjunturais que já foram discutidos nos tópicos anteriores deste artigo, porém, a falta de vontade por parte dos docentes também é um dado e uma realidade que necessita ser rompida.

5.5 - Qual a importância do trabalho de campo para o ensino/aprendizagem?

Constatai que estes profissionais que estão envolvidos com a educação, de formas tão distintas, chegaram a conclusões importantes. Algumas colocações corroboram com uma grande quantidade de ideias que foram despontadas ao decorrer deste artigo.

Os professores, pedagogos e graduandos da área da educação, fizeram alegações referentes à necessidade de novos espaços de ensino-aprendizagem que não sejam somente a sala de aula, principalmente porque o trabalho de campo possibilita o desenvolvimento da percepção perante o real, gerando assimilação através da experimentação.

Segundo os professores, o campo aproxima o aluno do conteúdo, fazendo com que este seja mais interessante, palpável e instigante, especialmente para os estudantes

das séries iniciais, pois apresentam dificuldades de abstração. Sendo assim, o trabalho de campo revela um diferencial, pois possibilita ao estudante compreender sentindo no tato, com a visão e audição, o que em sala de aula ou em casa nem sempre é palpável, mesmo com os vastos recursos tecnológicos da contemporaneidade.

Esses profissionais enxergam a relevância que o uso dos aparelhos sensoriais, ou seja, como o uso dos sentidos é de extrema significância para o aprendizado do educando.

O entrevistado E14 sinalizou a importante questão da necessidade dos professores de todas as disciplinas estarem envolvidos no processo de construção de uma atividade de campo, pois, como já dito anteriormente, o trabalho de campo não deve ser uma atividade monodocente, ele precisa perpassar diferentes disciplinas, sendo um trabalho, sempre que possível interdisciplinar.

Outro relato proveitoso de E14, para reflexão do tema em discussão, refere-se a possibilidade de associar teoria e prática, na observação de fenômenos naturais ou sociais. Ele poderá levantar e testar hipóteses, que através da mediação com o professor, ajudará na compreensão que o conhecimento científico não é algo pronto, dado.

5.6 - O trabalho de campo pode ser considerado uma alternativa para a sala de aula? Por quê?

O questionamento sobre a possibilidade de o trabalho de campo poder ser uma alternativa para a sala de aula, tem como intuito saber dos professores, se esta atividade tem as qualidades de suprir as necessidades que o educando possui para desenvolver a capacidade de construir e absorver os diferentes saberes, necessário para o seu pleno desenvolvimento.

Dentre as respostas dadas, existem quatorze profissionais que acreditam que as atividades de campo não devem ser uma alternativa, e sim uma complementação indispensável. Segundo eles, o trabalho de campo não dispensa a sala de aula, mas juntos podem promover um melhor desenvolvimento do aluno, pois associados podem tornar a busca pelo saber algo mais instigante e interessante.

Por outro lado, houve seis professores que acreditam na sala de aula como o auxiliar aos trabalhos de campo. Para eles o modelo de sala de aula tradicional, com aulas extremamente expositivas, existentes na maioria das escolas, é que deve ser uma alternativa para o trabalho de campo.

Independente de ser considerado uma alternativa ou complementaridade é possível perceber que todo o grupo de profissionais da educação entrevistados, estão em consenso sobre os trabalhos de campo como atividades fundamentais e indispensáveis a metodologia do ensino. Consenso esse marcante e conveniente para que a educação siga novos caminhos e que os alunos possam ter acesso a outras formas de ensino/aprendizado.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No presente artigo discutimos algumas questões sobre a educação brasileira e elementos da prática de ensino, apresentando o trabalho de campo como ferramenta metodológica.

Ao refletirmos sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, percebemos que os mesmos apresentam a necessidade do desenvolvimento de diversas metodologias de ensino que contemplem o temário da geografia e, de forma interdisciplinar, busquem integra-la com outras áreas do conhecimento. Neste sentido, o

trabalho de campo se apresenta com uma das formas de aproximar o estudante dos temas discutidos pela geografia.

A proposta de oportunizar aos estudantes o contato com experiências concretas a partir do uso dos aparelhos sensoriais, tem como intuito, aproxima-los da realidade, buscando desenvolver neste individuo diferentes olhares.

Existem, no entanto, diversos obstáculos para se por em prática esta metodologia de ensino. Mas, mesmo com todas as dificuldades, pudemos perceber, ao longo da pesquisa, com os professores, de modo geral, enxergam ganhos efetivos neste tipo de prática.

Mesmo com alguns olhares mais técnicos, e outros mais confusos, quanto ao que é o trabalho de campo, estes profissionais concordam sobre os ganhos que esta prática pode trazer para a formação do aluno, são riquíssimos.

Contudo, é importante lembrar que o trabalho de campo precisa estar associado à teoria, e que é necessário haver todo um processo de construção e planejamento para sua execução. Planeja-lo é fundamental para que as atividades de campo possam obter ganhos significativos à todos os indivíduos envolvidos. Se não houver este pragmatismo, o que ocorrerá será apenas um mero passeio para contemplação.

A partir de tudo que foi discutido ao longo deste artigo, fica a reflexão: Se realmente desejamos contribuir para a formação de cidadãos críticos, capazes de pensar e intervir na realidade e no espaço em que vivem, como faze-lo somente dentro dos muros da escola?

### REFRÊNCIA BIBLIOGRAFICAS

ALENTEJANO, P. R. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? In: Boletim Paulista de Geografia / Seção São Paulo - Associação dos Geógrafos Brasileiros. - número 84 São Paulo – SP nº 84, p. 51-67, 2006

COUTO, M.A.C. Ensino de Geografia: abordagem histórico-crítica. In: Revista TAMOIOS v. 5, n. 2 (2009)

DI MARCOS, V. Trabalho de campo em Geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. In: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n.84, p. 105 – 136, 2006.

FERREIRA, V. C. Trabalho de campo: em busca de um novo caminho para educação. (2014). 74f. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação da

13

Baixada Fluminense - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LACHE, N. M; PIZZINATO, L.R; ARDILA; J.D.S. La salida de campo... se hace escuela al andar 1ªed. Bogotá, Grupo Interinstitucional de Investigación Geopaideia

LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. São Paulo, AGB/SP, n.11, 1-23, agosto de 1985.

MARIOTTI, H. Reduccionismo, "Holismo" e Pensamentos Sistêmico e Complexo: Suas consequências na vida cotidiana. Disponível em <[http://www.uesc.br/cpa/artigos/reduccionismo\\_holismo.pdf](http://www.uesc.br/cpa/artigos/reduccionismo_holismo.pdf)>. Acesso em 09 de Dezembro de 2013.

MEKSENAS, Paulo. As noções de concreto e abstrato: sua relação com as práticas de ensino. Re. Da Fac. de Educação (USP), v.10, n. 1, jan/jun 1992.

MORIN, E. La méthode. 1. La nature de la nature. Paris: Seuil, 1977 apud MARIOTTI, H. Reduccionismo, "Holismo" e Pensamentos Sistêmico e Complexo: Suas consequências na vida cotidiana. Disponível em <[http://www.uesc.br/cpa/artigos/reduccionismo\\_holismo.pdf](http://www.uesc.br/cpa/artigos/reduccionismo_holismo.pdf)>. Acesso em 09 de Dezembro de 2013.

OLIVEIRA, L.; MACHADO, L. M. C. P. Percepção, cognição, dimensão ambiental e desenvolvimento com sustentabilidade in: VITTE, A. C.; GUERRA, A. J. T. (org.). Reflexões sobre a Geografia física no Brasil, Ed. Bertrand Brasil, 2004

NOVELLI, P. The classroom as a space for communication: reflections on the theme. (A sala de aula como espaço de comunicação: reflexões em torno do tema.), Interface, comunicação, saúde, educação, v.1, n.1, 1997.

SERPA; Â. O trabalho de campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica, boletim paulista de Geografia / seção São Paulo, AGB, nº84, São Paulo, julho 2006.

SOUZA NETO, M. F. Aulas de Geografia e algumas crônicas, Campina Grande, Editora Bagagem, 2008.